

SOMMERFUGL E MAIS POEMAS

[Assis de Mello](#)

Assis de Mello, pseudônimo de Francisco de Assis Ganeo de Mello, foi deixado por uma cegonha imensa numa chaminé de Piracicaba, SP, em 1957. Reside hoje no município de Botucatu, onde é biólogo e docente na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Como zoólogo, dedica-se ao estudo dos insetos- taxonomia de grilos e grupos afins- mas também se interessa por aqueles grilos que cantam na cabeça das pessoas e fazem o mundo ser como é.

Escreve desde a adolescência, mas sempre foi bissexto. E o pior é que tem pretensões de ser artista plástico também. Sente-se em casa no mato e não liga pra críticas destrutivas, mesmo porque já há grilos demais em sua vida. Ainda bem.

[Contato: framello57@uol.com.br](mailto:framello57@uol.com.br)



Sommerfugl

Para Lyselotte A.

Um
mínimo
deslize
Lyse
e minha viela
violou-se
em chispas:

vagarosos búzios
se arrastando
nos areais
de cambraia
e pele
texturas
do interior
das ostras
holotúrias túrgidas

Oh radiosa
Freya
filha de Njord
mulher de Od
e minha:
converte-me
em
falcão
com esse teu amuleto
de penas

Abandonaste a rocha
sereia do porto
de *Kobenhavn*
para roçar-me
com tuas tranças
de sol
teus olhos de casca de mar
tua tez de pérola
juvenil

Copenhague

uma terrível
impetuosa
(a)
idade
Viking

e um silêncio
benigno
quase penumbra
indecifrável
carta náutica
(puro mistério)

: eis teu belicoso
instrumental
de tortura
sommerfugl

borboleta

E ainda trouxeste
pra minha gruta
de rei eremita
o aconhego
de uma casinha
verde
numa borda qualquer
da Jutlândia
com esse cheiro
de pão
exalando do forno
- *grahamsbrød* -
e esse livro
repleto de grunhidos
sobre o criado-mudo:

- *pão de grãos integrais* -

*drøm behageligt
hemmelighedsfuld
måne // stjerne
måge // bjerg
duftende // markblomst
jomfruelig pige
guldførende
ildfuldhed
elsker
kødets lyst
havgudinde
udstyrsstykke
ildsprudende bjerg
frugtbar jord
smøring
det er regnvej
flod
skrige
sædvæske
stilhed
fylde
havskum*

bons sonhos
cheios de mistério
lua // estrela
gaivota // montanha
cheirosa // flor silvestre
virginal menina
que contém ouro
ardor
amante
volúpia da carne
deusa do mar
espetacular
vulcão
solo fértil
lubrificação
está chovendo
rio
grito
sêmen
silêncio
plenitude
espuma do mar

Vou te dizer duas coisas
radiante Lyse:

Ele estava errado
: nunca houve nada de podre no Reino da Dinamarca

Estou
completamente
maluco

Mensagem aos pássaros do sul

A Pablo Neruda

Outro pássaro emerge do vazio
e me desperta

Eu, inexprimível tordo
desbotado na crosta do barro
já nem sei onde foi que embrionei-me:
se em Ushuaia ou Pucallpa
ou nas ruínas de Cuzco ou Copán
Mas sou da América
e vasculhei toda esta terra de poleiros
camuflados no verde
onde tantos nativos foram exterminados
por ouro / prata / piritá
e cem motivos de força maior

O outro pássaro investiga meus gestos
com olhar estrangeiro
e embora não brilhe intenções
de rapina
é melhor ter cuidado nesta América austral

pois aqui
há pássaros que parasitam ninhos alheios
e também os que imitam o pio de outros pássaros
para usufruir da cortesia do bando

e muitas vezes nossos próprios pássaros
incluem em seus piados estranhas notas
de outras melodias
que solfejamos sem compreender

Não sei se concebi-me ao sol
ou ao estouro
de um trovão de veranico
mas sejamos justos a nossos dialetos
até que uma águia nos persiga a todos

City-Edge Night Club

*A Charles Bukowski
Aos Beat
Aos destroçados que a sociedade
produz*

Primeiro
pinçou o cabinho da cereja
com o dedo que deda e o dedo mais gordo

Depois
como fazem as putas
ao reivindicarem barganha mais justa
lambeu a bolota suada de Martini
enfiou-a na boca com dedo e tudo
rodou-a, rodou-a com a língua
a lábia entreaberta
e castigou-a de leve
com os incisivos remontados
num showzinho manjado
à elite de bêbados

Veza ou outra
o pedúnculo confuso espiava pra fora
como o olho de um caramujo sem concha:

avaliava a multidão de tarados
com âncoras e cobras estateladas no corpo
e voltava, recalcitrante
para o interior mais sutil
daquela gruta compêndio de história

E seu dedo dançava na borda do copo repetindo um Ó

E o garçom suava em preto e branco

E ela tinha joanetes

E havia aquele som de trompete

E Miles defunto nem se importou

E a voz do cantor manava do duodeno

E seu nariz era adunco
E ratos cochichavam sob a pia
E alguém temia um exame de sangue
E, no agito, um silêncio de árvore
E cupins roíam o forro
E alguém pisou num chiclete
E eu pedi outro Jack
E a cereja se esgarçou na boca
E a cereja tinha a cor da calcinha

O Bebê e os Ratos

Dois ratos empurram um repolho alameda acima
e o bebê sonolento
com aquela solenidade
de quem só diz a-bá
chupa o polegar
molenguinho
e cria arte na fralda

A hora passa
A tarde esquenta

Nem homem nem rato
compreendem esse mistério:

em toda esquina há condutos
por onde entram repolhos
e a vida se define

Carta de Recomendação

Aos burocratas

A quem interessar possa:

Recomendo a passagem
da alma portadora desta
pela catraca do reino dos céus

e dou testemunho de que

(embora em vida
dividissem águas, matassem formigas
e enxotasse com o pé
os cães renegados
que abanavam a cauda
enquanto os meninos
comiam pipoca
e tomavam frescos)

esse rosto entre flores
escurecido e quadriculado
como um quibe de forno
ora manifesta, sutilmente
seu arrependimento por eventuais condutas
impensadas
quando a brisa ainda fazia nexos

e neste exato momento
em que enceta
transmutar-se num chorume viscoso
a família suplica bom destino a sua alma
e proclama e repete
que percorreu os trilhos de Deus

E mesmo eu, que nunca cedi-me
à prática
de render o joelho ao chão
declaro, diante desse corpo desmilingüido
(que meus olhos evitam)
ter levado, deveras
uma vida dedicada aos desígnios celestes
haja visto seus filhos bem criados
redondos, corados
gerentes, risonhos, bacharéis

Aproveito o ensejo
para manifestar
a mais profunda convicção
de que
embora magro
feito um cão pelagroso
esse corpo redundará
em buano
da mais prima qualidade

E por ser eu educador
e beato
devoto da natureza
numa época de correção ambiental
sugiro que, se viável
faça, ó bem-aventurados, reciclar esse espírito
de acordo com o laudo e sugestões
das instâncias competentes
mas
caso decidam não relevar
as inculcações
deste pecador comum, porém sensível
e deliberem vetar o acesso dessa alma
ao jardim das rosas brancas
solicito a fineza
de designarem um anjo
para acompanhá-la
à catraca do andar subjacente

Atenciosamente, Prof. Dr. Francisco, Entomólogo

$$E = mc^2$$

A teoria

Através de uma proeza mental, verdadeira rosetta numérica, chegou-se a uma equação bem simples: na fissão do átomo, a energia total liberada é igual à massa da matéria vezes a velocidade da luz ao quadrado.

Corolário da sacação (- cogumelo atômico -)

Daí
veio o tufão
da alemoa andorinha
que chegou galo de rinha
e agora sonha em alemão
no
alvorecer
intimista
com caras, bundas e coxas
de um anjo renascentista

Flama-guia

Levassem-me pelas ruas
desvendassem trilhas
tomassem atalhos
na noite escura

Desembrassem
as meadas do tempo
-górdios da perdição-

e, como o tempo
perpétuos fossem
e sem fronteiras

Ordenassem germinar orquídeas
das horas foscas
da cal, da pedra
do salitre

desentocassem bichos
de seus covis, de suas frestas
mais remotas
mais sutis
mais dissimuladas
no emaranhado verde / ocre
dos barrancos e ravinas

Que no transgredir do pânico
soprassem a espuma
do que não tenho a partilhar
como sopra a brisa morna
todo o incenso
da tragédia anêmica
em Calcutá

Apontassem me as três-marias
e desdissem meus contraditos
sempre que embarcasse nos trens

em movimento
a esculpir monstros sem face
na latidão dos céus noturnos

Pousassem plácidos
compadecidos
mas que também causassem
(e sobretudo)
a queda da lua, a conjunção
dos astros

a filtração do mar viscoso
pela esponja primitiva

e incitassem-me os lobos
a uivar
e fossem mornos

Que na preguiça
dos verões do novo mundo
espraiassem úmidos e íntimos
doces e impetuosos
sobejos

e me arrastassem
na profusão de corpos
como um cão conduz um cego

Ah esses olhos...

Fluvial

Mais que um rio
fantasias
inundam noites e abismos

sem remédio !

Visco diáfano
cataclismo
fusão de terracota

A jusante
sabemos
pelo grito:

amor
ódio
paranóia

Entardecer no Sahel

(Para ela...)

Um arrepio de vento que passou
lonjuras de albatrozes, planícies
imensidões de orvalho...

- assim era ela
que se choveu pela tarde
enovelou-se na noite
enevoou a manhã
mas não ficou

Quisera
eternizar seus passos
naqueles campos de relva
mas
agora
só esta foto me resta
e por isso dobro-me
no bafo tórrido
deste lajeão de pedra
a divagar
num pôr de sol
rente à touças de carrapicho

Habita este meu viés
uma velha naja cuspideira
e pequenos nimbos de moscas
pairam
acima do arbusto espinhento
que silencia
entre o fulvo do céu
e este balão de viuvez imposta

Amadou, meu amigo Bambara
Nicholas e duas inglesinhas
sorridentes
(a mais vívida é Morag; a outra
nunca soube)

ajudam-me a destocar grilos
da terra seca
e não questionam minha invalidez

Hoje sou das moscas
Gafanhotos roeram tudo por aqui

Impressiona
o olhar dos tuaregues
Olhos graves
que se destacam
das faces ocultadas
e levam corpos
que nunca param

Impressionam os perfis
de umas mulheres magras
quando se vão ao longe
vestidas de preto como se em luto

- carregam baldes, vitualhas na cabeça
e sorriem com polidez
quando cruzamos suas rotas
na savana ressequida

(Que povo é esse
de mulheres tácitas
e homens nunca vistos ?)

Os Bambara são coloridos, os Dogon
- homens e mulheres
coloridos e alegres
a trajar estampas como jardins

Possíveis cromos da fêmea numa tarde saheliana:

1-

saias longas, seios nus
mãos de couro de réptil

a socar nos pilões o amendoim
o milhete
que o inseto refugou
cantando
cantando
cantando

2-
um olhar enxuto e bondoso
o filho às costas
caminhando ao sol
sem dar um pio

3-
amamentando à sombra
cantando, cantando

4-
publicando
um tratado sem letras
sobre as artes
de superar e de sorrir

Oh Mourdiah, Oh Dilli, Oh Nara !
Bendito o aconchego de teus
corações
nessas casas de adobe
e estrume de cabra

Benditos tuas roças
infibuladas
proibidas
o ensinamento
das brigadas fitossanitárias
as lições da locusta, suor
e guerra química

E mais que bendita a imagem
daquelas crianças rezando e batendo
latas na cabeça
numa procissão de mirrados

a implorar por chuva

O Brasil e sua verdura deita-se ao longe
além do tempo

(- levou ela consigo
suas imensidões de orvalho-)

e também o Niger
com seu delta inusitado
corre longínquo
e não há mais rios
por aqui

No bafo desta pedra exangue
não há remédio:

a vida
num cantil
de água salobra

e o mosquedo turbina
e uma naja me espreita

despejando
a noite

Fábula

Disse o papagaio
do alto de sua verdura:

- “O que agarra o ouvido
nem sempre
é onda
do próprio eco”

- “Gritar amor
e ouvir roma do

pe
nhas
co

aflige” –

remendou
a tiribinha mais gorda

... E não é que o arapaçu
com sua terrível cor de estrabo
caiu de amores
por uma branquíssima escultura
de mármore
e cada vez que se declarava
ganhava em troca um silêncio
metamórfico

e no alvorecer que não cantou
(justo naquele dia !)
toda uma pedreira desabou
sobre ele ...

Com as asas na tipóia
e um olho enviesado
voltou pro mato

e agora

entre pios
mal contados

cata insetos na cortiça

- “O escultor morreu
sem finir a obra” –

decretou
o
velho
mocho
surrado como um cânion

Ao João

*A meu filho, João Francisco
ao completar 5 meses
- inspirado numa foto -*

O que vislumbram
olhos
que sequer alçaram-se
para além das ripas do berço
do silêncio frio da grade do jardim
da vidraça embaçada na noite escura
na qual um dia, com teu dedinho mágico
haverás de rabiscar uma garatuja
fadada a ser poema ?

Sim, há um horizonte lá fora, menino
revoadas de garças, coxos, cheiros de jasmim
e um sol e uma lua que sempre se renovam

Amigos serão poucos, é verdade:
corações empedernidos e almas de cera
têm brotado dos pântanos ultimamente

- sinal dos tempos

Ajuda-os, meu filho

E que sejas sempre o que essa tua carinha expressa:
a própria leveza, a própria bondade

E nas horas mais frias das noites cruentas
sê o canário na mina de carvão:

Ilumina então
a gruta com teu canto

Os espaços da casa

Ao poeta Manoel de Barros

Há nesta casa muito espaço não preenchido

Meus cães brincam à toa
uivam e ladram ao bel-prazer
mas com hora certa pra cada coisa

Nunca vou compreender
como um fantasma inglês
de guarda-chuva e colete
baixou no corpo de meus cães

Há tanta indagação pela casa...

Meus peixes também questionam
no azul-da-prússia:

são Nijinskis do remoinho d'água
do confinamento, das borbulhas
Vêm à tona avaliar meu cheiro
(e a possibilidade do motivo ser outro
traz-me a dimensão das lacunas da casa)

Meus pássaros, cidadãos do mundo:
Pavarottis, Bidus, Caballés
Nureievs do viveiro
(cujo fundo nos remete a Pollock
em sua obstinada procura
de si mesmo)
e sei que os minutos seriam infindáveis
não fosse a arte
de meus pássaros

Uma corruíra fez ninho na varanda
Ela também interroga
mas não demonstra

Move com graça
e astúcia
pelos caibros, orifícios
caçando aranhas ensimesmadas
que sonham a vida inteira

Beija-flores pairam nos bebedouros
pois nem tudo é doce por essa vida afora

Chopins, rolinhas e pardais
dividem as sementes do santo dia
nos cochos espalhados no quintal

Contudo, ainda há brechas pela casa-
nichos vagos, ranhuras, nesgas
onde só idéias se comprimem

Gostaria que Manoel
poeta do nada e das minúcias
visse as formigas do jardim
a domar seu universo sigiloso

Erguem vulcanitos
na terra carminada
e marcham organizadas
atávicas
e cogitam

Já terminei namoro por causa delas
Matar formigas é pior que traição

Há muita vida na casa
deveras
e mesmo assim ela é um queijo suíço-
império de grotas, labirinto d'occos
onde se aninha
o lebréu das fantasias
o celacanto das quimeras
o grou da circunspeção

Mundo das noções-
isto é minha casa !
Aqui, até as samambaias ponderam

O alpendre é a biblioteca
cheia de vasos com plantas refletindo
tramando cenas, deduzindo fórmulas

Nas manhãs de sol
borboletas rolam o planeta
qual besouros nobres e pueris

Quando a noite se despenca
alheia a tudo
sou preso em pensamentos
tão viris
quanto a lança tesa
dum feroz guerreiro banto

Então dobro-me
na meia-luz
e vejo um par de olhos
amendoados
profano-sacros
delineados de negro

e depois
cílios lambidos de rímel
lábios entreabertos, de batom
púbis, ventres, quadris

e o hálito raro
de anis
brotado da língua morna
dos dentes alvos
que ressaltam na penumbra

e dardejam
e flamejam
e desafiam

E, por fim
as curvas sigmóides
meias-taças
colinas, branduras de cetim-

A benta essência
da Deusa-Lua dos antigos
crescente enigma:

o ser contido que de repente se escancara
o ser infindo que gera e nutre e engendra o eterno
o ser que desanda em sangue
quando se doa e não concebe
e aponta o norte na trilha cega do silêncio

Mulher !
Nada além do arquejo
de roubar da noite uma mulher

Mesmo a tibia dona imaginada
(musa do ponte sórdido)
que nunca se revela por inteiro

ou a pálida ninfa
galhofeira
que deixa apenas se entrever
(a duras penas)
a menear-se nas touceiras
da jornada

mas que, súbita
entrega-se da forma mais exígua
e então se vai embora
levando consigo a sustentação
do império

Sim, minha casa tem hiatos
na noite arguta

A fauna e a flora
respeitam essa calada

Nenhum latido, nenhum pio
irrompe nesse fado

Talvez intuem
que é solidão contemplativa
ermo de arroubos
conquanto não quisera sê-lo:
o cio vil
e sem recato
do gênero mais rude

Essas noites caducam
sem destino ou nexo:

grenha fugaz
da proibida amante
a roçar, por um minuto delirante
o rosto vincado de um marujo
subalterno.

Finda a treva
e desde sempre, a corruíra
ressurge (Fênix)

adentra-me os ouvidos
vasculha
as cavas mais internas
atrás de grilos e esperanças
nafragadas

Ao primeiro chilro
o novo dia
sai do útero

Tempos idos

*Para Maria Cecília M. Bonachella,
amiga, faz tempo*

Quatro presilhas
a segurar seus dias
e, no entanto, uma brisa
bastava
pra causar turbilhão

e um arrebite
prendia-lhe as horas
e mesmo assim...

As noites corriam vagas
repletas de colchetes -
pinos que encaixavam
em arruelas de latão

algumas
já quase libertinas
(- prendedores nos varais
de varandas nordestinas -)

outras
mais lancinantes
que alfinetes gastos

E ele, brioso garanhão d´antanho
terminou seus dias filosofando
num banquinho de concreto
do asilo pra teimosos
São Nozor dos Lazarentos
com sua bundinha gelada, gelada:

*- "Foram-se os tempos
dos grampos frouxos
das porcas soltas na gaveta..."*

*acabaram-se os dias das cordas
e barbantes
amodorrantes embuás
enrolados no quintal...*

*cadê os pregos, os parafusos
nos saquetéis de papel pardo
da venda do Jacó ?
(- que ficava virando a
e
s
q
u
i
n
a*

*sempre virando
a
e
s
q
u
i
n
a
de onde quer que se viesse)”*

Um dia tudo descamba
Mal se libra nas muletas o corcel

Jacó virou pó
Hugo virou abubo
e a papuda Guaracilda
que se agarrou a lamber sal
embelezou-se e foi pro Rio
lamber do bem e do mal

Só a madrinha Francisquinha
de pescocinho tramado
ainda leva e traz recado
com suas perninhas repletas de relâmpagos

A Breve História de Sexta-Feira

*Para Neiva Guedes, Bióloga,
mãezona da Arara Azul
amiga da humanidade
baleia de luz*

O pequenino Sexta-Feira
morreu numa manhã nublada
após doze dias comendo goiaba
e enchendo a casa de alegria

Caido do ninho quase sem penas
o bichinho minguava
no fio do asfalto
e piava de frio na noite medonha

Desolado !

Desolado
e sem remédio
como um pontinho
a carvão
(feito por alguma criança incauta)
a flutuar
no meio do mar:

▪

Quis compreender
o que projetava
o breu e o vento e o lobo da fome
a um bebê gaturamo
que perdeu a estribeira
numa quase primavera
mas nas horas
de apuro
a cachola humana
é só um poço de limites

Bem...
quis o destino
que eu precedesse
o gato
e então dei-lhe um ninho
improvisado, chinfrin
numa caixa de sapatos

E quero crer que por doze dias
Sexta-Feira foi feliz

Aqueci-o com lâmpada
e alimentei-o no bico:
banana, goiaba
pêssego, mamão

e cada pio
do bichinho
nutria meus minutos

e cada chiro
abrir de bico
davam-me a ilusão
de ter na alma
uma baleia
de luz

Sexta-Feira aos poucos
foi emplumando
e, de pena em pena
mostrou-me
que o cerne do mundo
está nas coisas simples
nas coisas esquecidas
não reivindicadas

Miudinho, morno
tagarela
e com o olhar suplicante
de quem só tinha a mim
deitou em minhas mãos
seu próprio destinozinho

Da forma mais cega
confiou
Como mulher nenhuma
nenhum parente
nenhum amigo
ousara tanto confiar

Mas um dia
- numa manhã de sábado-
Sexta-Feira amanheceu calado

O sábado não se deu
a Sexta-Feira
e todo o alento do universo
petrificou, miudamente
na caixinha de sapatos

Tentei reanimá-lo
assoprei sua bundinha
implorei ao Deus Abrâmico
a Hera, Cernunos, Brán

- mas nada disso adiantou

Enterrei meu filho
no jardim
à sombra de uma árvore
camuflada por filodendros

Naquele sábado
guardei luto

No domingo
não quis prosa

A segunda
foi tão vazia

E na terça
uns idiotas
derrubaram as duas torres
de Manhattan
pra protestar
contra a idiotice humana

E eu resolvi
escrever
esta estória
mesmo com essa coisa
nos olhos
que é pra fazer a vez do canto
que Sexta-Feira não cantou